

Em 1994, Edney Giovenazzi me procurou para dirigir o *Tartufo*, que a jovem aspirante a atriz Jussimara Brandão desejava produzir. Fiz esta tradução que mantém verso e métrica, mais próxima das plateias contemporâneas do que as traduções existentes na época, e começamos o trabalho de encenação.

Com um elenco de feras do palco, começou a brotar um espetáculo vivo e divertido, mas no decorrer do trabalho, o processo se desencaminhou. O espetáculo foi um fiasco: era pesado, amarrado, sem nenhuma graça, arrastava-se por horas intermináveis, sacrificando todos os envolvidos, público inclusive. Restou para mim a frustração e uma certa dívida com alguns amigos queridos do elenco, que ainda não tive a chance de saldar.

Minha paixão pelo texto sobreviveu ao fracasso. Dois anos depois, convidado a dirigir um Molière na EAD-Escola de Arte Dramática, propus refazer o *Tartufo* e a proposta foi aceita. Tive a oportunidade de realizar a montagem que havia concebido originalmente e a peça foi um enorme sucesso, fez uma temporada prolongada no então recente Teatro Laboratório da EAD-ECA-USP, participou da mostra Fringe do Festival de Teatro de Curitiba e depois fez uma breve temporada no espaço K, em São Paulo, com ótimas críticas e público.

A primeira montagem, de 1994, com direção e cenário do tradutor, figurinos de Patrício Bisso, tinha o seguinte elenco:

Edney Giovenazzi

Umberto Magnani

Ênio Gonçalves

Vera Mancini

Neuza Maria Faro

Tânia Bondezan

Eric Nowinski

Sérgio Carrera

Régis Monteiro

Rogério Favoretto

Lismara Oliveira

Marc Grandino

A segunda montagem, de 1997, na EAD, tinha um elenco excepcionalmente talentoso, que em sua quase totalidade se profissionalizou e está em atividade:

Marat Descartes

Cláudia Missura

Nana Pequini

Fabiana Gugli

Marcos Damigo

Gero Camilo

Marcello Airoidi

Eugênio La Salvia

Nando Bolognesi

Verônica Nóbili

Paula Cohen

Augusto Gomes

Cristina Costa Martinez

Dárcio Oliveira

Evandro Lamoglia

Mara Heleno

Rita de Cássia Bancalero

TARTUFO

OU
O IMPOSTOR

de Molière

Tradução de José Rubens Siqueira

PERSONAGENS

MADAME PERNELLE, mãe de Orgon

ORGON, marido de Elmira

ELMIRA, mulher de Orgon

DAMIS, filho de Orgon

MARIANA, filha de Orgon e namorada de Valério

VALÉRIO, namorado de Mariana

CLEANTO, cunhado de Orgon

TARTUFO, falso devoto

DORINA, criada de Mariana

SEU LEAL, oficial de Justiça

FLIPOTE, criada de Madame Pernelle

COMISSÁRIO

A ação se passa em Paris, na casa de Orgon.

PRIMEIRO ATO

MME. PERNELLE - Vamos, Flipote, que eu quero me retirar.

FLIPOTE - Que passo ligeiro! Nem dá pra acompanhar.

MME. PERNELLE - Deixe, minha nora, melhor deixar assim: esse tipo de vida não serve pra mim.

ELMIRA - Creio que ninguém lhe faltou com o respeito. Porque, então, minha sogra, sair desse jeito?

MME. PERNELLE - É que eu não quero ver o que acontece aqui. Ninguém nunca atende a nada do que eu pedi. Saio da sua casa bem decepcionada: em tudo o que eu digo sou sempre contrariada, não se respeita nada, todo mundo grita, e tanta confusão me deixa muito aflita.

DORINA - Se...

MME. PERNELLE - Você, minha filha, é uma servente de boca muito grande e bem impertinente: em tudo se mete, dá sempre o seu palpite.

DAMIS - Mas...

MME. PERNELLE - Você é mais bobo que o bom senso admite; sou eu que estou dizendo, eu, que sou sua avó. E já avisei seu pai que, com tanto xodó, você está virando um menino ganjento que no futuro só vai lhe trazer tormento.

MARIANA - Eu acho...

MME. PERNELLE - Meu Deus, você se faz de discreta e em tudo parece um encanto, minha neta. Mas não existe nada pior do que água parada e o que você esconde é que me deixa preocupada.

ELMIRA - Mas a senhora...

MME. PERNELLE - Minha nora, não se ofenda, mas a sua conduta em nada recomenda. Servir de bom exemplo, esse é o seu dever, como fez a mãe deles, antes de morrer. Você é gastadeira e isso me aporrinha: andar vestida assim, igual a uma rainha. Quem pretende agradar apenas ao marido, não precisa cuidar tanto assim dos vestidos.

CLEANTO - Enfim...

MME. PERNELLE - De minha parte, o senhor, como irmão dela, merece toda consideração.

Mas se eu fosse o meu filho Orgon, seu cunhado, jamais teria o senhor como convidado. Diante do que prega como regra de vida qualquer pessoa de bem se sente ofendida. Talvez minha franqueza ofenda; eu sou assim, o que tenho no peito não guardo pra mim.

DAMIS - O seu querido Tartufo é um privilegiado!

MME. PERNELLE - É um homem de bem e deve ser escutado. E não posso admitir, sem me enfurecer, ele ter de agüentar tolos como você.

DAMIS - O que? Eu tenho de aceitar a hipocrisia desse falso devoto e a sua tirania? E que a gente aqui só possa se divertir, quando esse sujeito resolve permitir?

DORINA - Se a gente der ouvido ao que diz esse tal, tudo que a gente faz é pecado mortal, pois ele controla tudo, esse desalmado.

MME. PERNELLE - E tudo que controla está bem controlado. É o caminho do céu que ele procura impor e meu filho devia exigir seu amor.

DAMIS - Não. Olhe, minha avó, nem meu pai, nem ninguém, vai conseguir me obrigar a lhe querer bem. Se eu dissesse o contrário seria mentira, pois tudo o que ele faz desperta a minha ira. A coisa ainda vai piorar, ouça o que eu digo e esse pobretão vai ter de se haver comigo.

DORINA - É verdade. Acho que fica muito mal ver se enfiar nesta casa esse cara-de-pau. Não tinha nem sapato, esse zé-ninguém e a roupa que usava não valia um vintém. Agora ele abusa da sua posição, desdiz todo mundo e faz pose de patrão.

MME. PERNELLE - Deus! Esta casa seria santa e feliz, se todos se guiassem pelo que ele diz.

DORINA - Ele só é santo é na sua fantasia: tudo o que ele faz não passa de hipocrisia.

MME. PERNELLE - Olha a língua!

DORINA - Eu, Dorina, nesse senhor não confio nem se tivesse um bom fiador.

MME. PERNELLE - Nunca se sabe do que é capaz um criado, mas sei que o patrão é bem intencionado. Vocês só têm por ele tanta inimizade porque diz a todos umas boas verdades. É só contra o pecado que ele se revolta e a defesa do céu é tudo o que lhe importa.

DORINA- Sei, sei. Por que será então que ele se irrita toda vez que alguém recebe uma visita? Um simples convidado ofende tanto o céu a ponto dele armar um tamanho escarcéu? Quer que eu fale claro o que acho desse caipira? Acho que ele tem é ciúmes de dona Elmira.

MME. PERNELLE - Cale a boca e reflita antes de falar mal. Eu também sou contra tanta vida social. A algazarra dessa gente que vive aqui, as carruagens paradas sempre no jardim, bagunça da criadagem que canta e dança acabando com o sossego da vizinhança. Tento achar que não tem nada de mais, porém as pessoas falam e isso não fica bem.

CLEANTO - Ah! Então não se pode nem mais conversar? Acho que não seria nada salutar ter de renunciar aos amigos mais chegados, por causa das bobagens de um papo animado. E mesmo que se aceite tamanho absurdo, acha que todo mundo iria ficar mudo? Não há como se impedir a difamação e os futriqueiros não merecem atenção. Quem vive a própria vida com honestidade tem direito de conversar com liberdade.

DORINA - Daphne e o marido, que moram aí em frente, vai ver que são eles que falam mal da gente. É. É sempre quem tem mais culpa no cartório que resolve começar com o falatório. Essa gente nunca perde a oportunidade de agarrar pelo rabo a menor novidade e espalhar a notícia, com brilho no olho, temperando os fatos com o seu próprio molho. É pintando os dos outros com um tom carregado que eles tentam perdoar os seus próprios pecados. Fingindo ter uma preocupação amiga dão um ar de inocência pras próprias intrigas e tentam repartir com quem não tem a ver a censura que **eles** deviam receber.

MME. PERNELLE - Tanta discussão não leva a nenhum lugar. Sabem dona Orante? Sua vida é exemplar, só pensa em conquistar o céu. Pois eu ouvi dizer que ela reprova o que se passa aqui.

DORINA - Belo exemplo. Essa dona é muito, muito boa! Na verdade, ela é a austeridade em pessoa. A idade é que fez ela ficar tão piedosa, pudica, escondendo o corpo tão cuidadosa... Só que, enquanto ainda atraía homenagem, bem que ela aceitou tudo que era vantagem; quando viu que o olho estava ficando fundo, pra não ser

renunciada, renunciou ao mundo. E agora com uma máscara de pureza esconde aquilo que antes era beleza. Mulher vaidosa sempre sofre essa virada: é muito duro se sentir abandonada pelos pretendentes. E no fim sempre fica reduzida a ocupar o cargo de pudica. A rabugice dessas mulheres honradas censura sempre tudo e não perdoa nada. Todo mundo é vítima da sua censura, não por caridade, mas por inveja pura e não toleram que ninguém goze o prazer que, devido à idade, elas não podem mais ter.

MME. PERNELLE - Falar bobagem é o que essa aí mais adora. Me vejo forçada ao silêncio, minha nora, pois ela é que domina a palavra em teu lar. Mas agora chegou minha vez de falar: acho que meu filho fez uma coisa boa recolhendo em casa essa devota pessoa. Foi por ordem do céu que ele aqui foi enviado para encaminhar espíritos transviados. E o melhor pra vocês é prestar atenção: quem ele repreende merece repreensão. Tantos bailes e festas cheias de etiqueta, não passam de simples invenção do capeta. Ninguém diz nada que seja de serventia, É só rir e cantar e fazer zombaria. A vida alheia é sempre o melhor assunto e que prazer sentem nisso é o que me pergunto. A pessoa sensata acaba perturbada com a bagunça dessas festas animadas, onde brotam do nada as intrigas mais vis. E como aquele sábio doutor sempre diz: "É verdadeiramente uma Babilônia, onde se ri e se fala sem cerimônia." Ainda ia mais longe o sermão desse santo... *(para Cleanto que ri)* Posso saber qual é a graça, seu Cleanto? Vá rir com seus loucos que gostam de risada sem... *(para Elmira)* Adeus, minha nora. Eu não digo mais nada. Vou-me embora daqui com a alma vazia e só um milagre me trará de volta um dia. *(Dá um tapa em Flipote)* Anda, desmiolada, sempre olhando de esguelha, anda logo senão eu te esquento as orelhas. Vamos, menina, vamos.

Saem Mme. Pernelle, Flipote, Elmira, Mariana e Damis.

CLEANTO - Melhor eu ficar. Tenho medo que ela ainda queira brigar. Que velha!...

DORINA - É, sim. Pena não estar mais aqui para ouvir o senhor falando dela assim. Ela iria dizer que o senhor é um bom homem, mas que ainda é moça pra ganhar esse nome.

CLEANTO - Ninguém deu razão pra ela estar tão esquentada. Por esse tal Tartufo parece encantada.

DORINA - Ela não é nada. Seu filho é que dá dó; se o senhor visse, ia dizer: "é bem pior!" Ele, que sempre teve fama de ajuizado e mostrou coragem quando foi soldado, foi ficando tão bobo, só falta babar, depois que esse Tartufo se mudou pra cá. Chama ele de irmão, gosta dele que é uma coisa!, mais do que de filho, filha, mãe ou esposa. Só o Tartufo merece a sua confiança e obedece o que ele manda feito criança. Abraça, mima, trata tão bem o farsante quanto qualquer outro trataria uma amante. Na mesa, é do Tartufo o lugar principal e acha bonito ele comer feito animal. É sempre pro Tartufo o melhor bocado e se arrota, diz logo: "Deus seja louvado!" É louco por ele; é o seu herói, seu juiz; admira o que ele faz, cita o que ele diz; enxerga milagres em seus menores atos e escuta profecias quando fala o beato. O homem sabe onde pisa e é mestre em jogar com as aparências na arte de enganar. Aceita dinheiro muito devotamente e acha que tem direito de zangar com a gente. E até o idiota do criado do maldito acha que tem direito de nos passar pito. Outro dia mesmo fez um sermão, feroz, e jogou fora o nosso ruge e pó-de-arroz. Rasgou um lenço de renda, uma preciosidade, que achou dentro do livro "Flor da Santidade", dizendo, aos berros, que era um crime medonho misturar os santos com coisas do demônio.

Entram Elmira, Mariana e Damis.

ELMIRA - (*para Cleanto*) Sorte sua não ter de ir se despedir: não imagina o sermão que eu tive de ouvir. Da porta, vi que o meu marido está chegando e não me viu. Vou subir e ficar esperando.

CLEANTO - Fico aqui, Elmira; não quero incomodar. Já estou indo embora, vou só cumprimentar.

Sai Elmira.

DAMIS - Vê se fala do casamento de Mariana. Tartufo é contra, pois já faz uma semana que obriga meu pai a atrasar o compromisso. Você sabe qual é meu interesse nisso: o mesmo amor que minha irmã tem por Valério, eu tenho pela irmã dele. E falando sério, se for preciso...

DORINA - Chegou.

Entra Orgon.

ORGON - Bom dia, cunhado.

CLEANTO - Eu já vou. Que bom te ver chegar descansado, voltar do campo nesta época é um horror.

ORGON - Dorina... Espere, Cleanto, por favor, que, para ficar mais tranqüilo, eu me informe se as coisas aqui correram nos conformes. *(para Dorina)* Foram bem esses dois dias que estive fora? Algo de novo? O que me diz a senhora?

DORINA - Dona Elmira, anteontem, ficou meio febril com uma dor de cabeça! Até estrelas viu!

ORGON - E Tartufo?

DORINA - Tartufo? Vai bem, obrigado. Forte e rijo, boca vermelha, rosto corado.

ORGON - Coitado!

DORINA - À noite, ela teve uma recaída, durante o jantar nem quis tocar na comida, a cabeça doendo que dava até dó!

ORGON - E Tartufo?

DORINA - Na frente dela, jantou só. Comeu devotamente uma perdiz recheada e metade da perna de carneiro assada.

ORGON - Coitado!

DORINA - Durante a noite, a sua mulher não pregou os olhos um momento sequer; sofria com o calor da febre daninha. Fiquei ao lado dela até de manhãzinha.

ORGON - E Tartufo?

DORINA - Ele foi sentindo uma moleza... E se enfiou no quarto assim que saiu da mesa. Meteu-se bem depressa entre as cobertas quentes e até de manhã dormiu como um inocente.

ORGON - Coitado!

DORINA - Ela, afinal, ouviu o que eu dizia, acabou concordando com uma sangria e logo em seguida, se sentiu aliviada.

ORGON - E Tartufo?

DORINA - Acordou com a cara descansada e pra fortalecer sua alma tão boa e repor o sangue que perdeu a patroa, regou com muito vinho a sua virtude.

ORGON - Coitado!

DORINA - Enfim, os dois estão bem de saúde. Mas vou contar pra ela, se me dá licença, que o senhor só pensa em sua convalescença.

Sai Dorina.

CLEANTO - Você não percebe, Orgon, que ela está caçoando? Desculpe, eu posso até estar te irritando, mas acho, francamente, que ela tem razão. Onde jamais se viu tamanha devoção? Como é que hoje em dia alguém pode te levar a esquecer por ele teu dever familiar? Em tua casa tirou a barriga da miséria e chega ao ponto...

ORGON - A coisa está ficando séria! Alto lá! Não fale de alguém sem conhecer.

CLEANTO - Eu calo a minha boca, se é isso o que quer. Afinal pra saber como é essa criatura...

ORGON - Vai ficar encantado com a sua candura. E o teu encantamento não terá mais fim. É um homem... que... Ah! que homem... um homem enfim. Quem segue suas lições goza uma paz profunda e evita, humildemente, que o mundo o confunda. Eu me transformo todo em sua companhia; me ensina a não ter apego por ninharia, de todo afeto libera o meu coração; posso ver morrer mãe, filhos, esposa, irmão sem que isso me cause nenhum sofrimento.

CLEANTO - É, meu querido Orgon, que belo sentimento!

ORGON - Se soubesse como foi que me conheceu sentiria por ele o mesmo que eu. Todo dia, na igreja, ele vinha, calado, e bem junto de mim se punha ajoelhado. E atraía os olhares da congregação pelo ardor com que fazia a sua oração. Suspirava, cheio de grande sentimento e, humilde, beijava o chão a todo momento. E me alcançava sempre, quando eu saía, pra me dar pessoalmente a água benta da pia. O criado, que imitava a sua pureza, me informou quem era e que vivia em pobreza. Ofereci ajuda, mas ele, modesto, ficava com uma parte e devolvia o resto. "É muito", me dizia, "aceito só a metade, pois não mereço a sua generosidade." E se acaso eu recusava a devolução, repartia a esmola com os pobres de plantão. O céu me aconselhou a dar a ele um lar e, desde então, tudo parece prosperar. Atento a tudo, até minha mulher merece dele, e pra minha honra, um extremo interesse. Se olham pra ela, me informa da ousadia, dez vezes mais ciumento que eu próprio seria. Não imagina até onde vai sua cautela: considera pecado a menor bagatela. Basta tão pouco para ele se culpar que outro dia chegou a se penitenciar por ter esmagado com violência demais a pulga que o impedia de rezar em paz.

CLEANTO - Mas que diabo!, Orgon. Você está fazendo pouco da minha inteligência. Está ficando louco? O que é que pretende com toda essa bobagem?

ORGON - Tuas palavras têm cheiro de libertinagem. Tua alma está perdida na insensatez e como eu já te preveni mais de uma vez, está colocando em risco a sua salvação.

CLEANTO - É assim que fala quem perdeu a razão: chamam de libertino quem enxerga bem. E quem não se ilude com essas palhaçadas é porque não respeita as coisas sagradas. Não tente me assustar com essas palavras duras: sei o que estou dizendo e a minha alma é pura. Jamais aceitarei alguém que finge e mente. Há falsos devotos como há falsos valentes e como só enxergamos quem vive do orgulho, achamos que o valente é o que faz mais barulho. O bom devoto, que a gente escuta em tudo, não é aquele que está sempre carrancudo. Será que você não enxerga a distinção que há entre a hipocrisia e a devoção? Você quer tratar como igual o que é oposto e respeitar tanto a máscara quanto o rosto, igualando o artifício à sinceridade, confundindo a aparência com a realidade, achando que um fantasma

é igual a uma pessoa e tomando a moeda falsa por uma boa. O homem é, quase sempre, um ser bem estranho que nunca se contenta com o próprio tamanho; a razão lhes impõe seus limites estreitos, mas jamais dentro deles ficam satisfeitos; e até a causa mais nobre acaba perdida, pelo impulso de sempre passar da medida. Isso é o que eu tinha pra te dizer, meu cunhado.

ORGON - Claro. Você é, de fato, um doutor ilustrado; todo o saber se encontra em sua mente escondido; você é o mais sábio e o mais esclarecido, um profeta, um moralizador dos mais finos e, diante de você, somos todos cretinos.

CLEANTO - Não, Orgon, não sou nenhum doutor ilustrado e não é especial o que tenho aqui guardado. Mas, só pra resumir, tenho plena consciência que entre o certo e o errado existe diferença. E, francamente, pelos valores que adoto, não há ninguém melhor que um perfeito devoto, nada mais belo e mais nobre neste mundo do que a fé verdadeira em seu fervor profundo. Mas acho também que nada é mais odioso que o sepulcro caiado de um falso piedoso, charlatão descarado, devoto de banca que com sacrílega e enganosa carranca abusa impunemente, de modo imoral, do que há de mais sagrado e puro num mortal. Gente que vende a alma por qualquer quantia, faz da devoção negócio e mercadoria e quer conquistar mérito e dignidade revirando os olhos e afetando piedade. Gente tão fervorosa que até importuna, a caminho do céu junta grande fortuna; gente que pede muito, ardorosa e modesta, prega o recolhimento no meio da festa, sabendo acomodar a virtude e o vício, astuta, vingativa, cheia de artifício tudo condena com feroz ressentimento, usando o nome do céu insolentemente. A cada hora surge mais um falso beato; o autêntico, porém, se conhece no ato. Sua alma e maneiras nada têm de rude, em nada parecem fanfarrões da virtude. Não se vê neles essa pose insuportável e sua devoção é humana e tratável. Não vivem censurando as nossas ações, pois acham arrogantes essas correções. Deixam para outros o discurso eloqüente: é por suas ações que dão exemplo à gente. Não é com o pecador que ficam zangados: sua ira se volta é contra os pecados e não cuidam do céu com zelo mais extremo que o céu usaria pra cuidar de si mesmo. Esses, sim, são homens, homens pra se imitar, exemplos que devemos sempre respeitar. Teu

homem, de fato, não é desse feitio. Você, de boa fé, diz que ele é puro e pio, mas por um falso brilho se deixa ofuscar.

ORGON - Já terminou, meu querido cunhado?

CLEANTO - Já.

ORGON - Estou a seu dispor.

Faz menção de sair.

CLEANTO - Só uma coisa mais. Lembra-se que prometeu a esse rapaz, Valério, a mão de Mariana em casamento?

ORGON - Claro.

CLEANTO - Já estava marcada a data do evento.

ORGON - Estava.

CLEANTO - E por que mudar tão de repente?

ORGON - Não sei.

CLEANTO - Será que tem outra coisa em mente?

ORGON - Pode ser.

CLEANTO - Não vai faltar com a palavra dada?

ORGON - Eu não disse isso.

CLEANTO - Acredito que nada vai te impedir de cumprir o compromisso.

ORGON - Conforme.

CLEANTO - Existe alguma coisa por trás disso? Valério me pediu pra falar com você.

ORGON - Deus seja louvado!

CLEANTO - O que devo responder?

ORGON - Responda o que quiser.

CLEANTO - Como? se eu não sei o que você está planejando?

ORGON - Eu farei a vontade do céu.

CLEANTO - Vamos falar a sério: vai ou não cumprir a palavra com Valério?

ORGON - Adeus.

Sai.

CLEANTO - Parece que esse amor corre perigo. Tenho de prevenir o meu jovem amigo.

Sai.

SEGUNDO ATO

ORGON - Mariana.

MARIANA - Papai.

ORGON - Venha cá. Está na hora de termos uma conversa.

Espia dentro de um gabinete.

MARIANA - Que foi agora?

ORGON - Estou vendo se ninguém vai nos escutar, este cantinho é bom pra quem quer espionar. Pronto, tudo bem. Agora, escute, querida. Você sabe que é a doçura da minha vida desde que nasceu e era deste tamanho?

MARIANA - É bom ter um pai que me trata com carinho.

ORGON - Muito bem, filha; então faça por merecer e procure sempre, sempre, me obedecer.

MARIANA - Mas não é assim que eu tenho me comportado?

ORGON - É. Que acha de Tartufo, nosso convidado?

MARIANA - Quem, eu?

ORGON - Você. Veja lá bem o que me diz.

MARIANA - Bom. Eu digo tudo o que te deixar feliz.

ORGON - Bela resposta. Confesse, então, minha filha, que acha que de tão valoroso esse homem brilha e que pra você seria uma felicidade casar com ele, se fosse minha vontade.

MARIANA - (*recua, surpresa*) O que?

ORGON - Que foi?

MARIANA - Será...

ORGON - Quê?

MARIANA - Não pode ser. Ai!

ORGON - Como?

MARIANA - Com quem o senhor quer que eu diga, pai, que para mim seria uma felicidade me casar se fosse essa a sua vontade?

ORGON - Com Tartufo.

MARIANA - Juro, pai, que não é verdade. Por que quer que eu diga tamanha falsidade?

ORGON - Não! Que tudo seja verdade, isso é o que eu quero. Já está decidido. E você concorda, espero?

MARIANA - Decidido, pai?

ORGON - Casando com minha filha, Tartufo passa a fazer parte da família. Vai se casar com ele. Eu já resolvi. Meu direito de pai... *(Para Dorina que espia para dentro)* Que está fazendo aí? A tua curiosidade é grande demais pra deixar os outros conversarem em paz.

DORINA - É verdade, já vieram me assoprar no ouvido, mas achei que era bobagem, tempo perdido e invencionice a história desse casamento. Deve ser coisa de algum cabeça de vento.

ORGON - O que? Você duvida?

DORINA - Duvido e muito! Não acredito nem que jure de pé junto.

ORGON - Sei o jeito de te fazer acreditar.

DORINA - Sei, sei. O senhor está querendo brincar.

ORGON - Tudo o que eu disse acontecerá brevemente.

DORINA - Tá brincando!

ORGON - Minha filha, teu pai não mente.

DORINA - Vá! Não acredite nele, não, Mariana! É treta.

ORGON - Estou dizendo...

DORINA - O senhor não me engana. Não acredito.

ORGON - Não me irrite, por favor.

- DORINA - Tá bom, a gente acredita. Pior pro senhor. Como é que pode? Alguém tão bem educado como o senhor, seu Orgon, um homem barbado, ser tão maluco a ponto de querer...
- ORGON - Calada! Você está ficando muito confiada. Isso é uma coisa que eu não posso admitir.
- DORINA - Olha, patrão, vamos falar sem discutir. O senhor está de gozação. Vá! não amola! Sua filha não é pro bico desse carola. Ele tem outras coisas pra se preocupar. E depois, o que é que o senhor tem a lucrar? Pro senhor que é rico, não fica nada bem ter genro pobre...
- ORGON - Quieta. Se ele nada tem é porque é assim que o seu valor se manifesta. A sua miséria é uma miséria honesta. Ela o eleva acima das coisas mesquinhas, pois se deixou privar de tudo o que tinha por sua falta de apego às coisas temporais e a sua paixão pelas causas celestiais. Com a minha ajuda posso colaborar pra ele sair do embaraço e recuperar as posses que perdeu na sua terra natal. Seu nome de família é bem tradicional.
- DORINA - Sei, sei. Isso é o que ele diz. Mas tanta vaidade, patrão, não combina nada com a piedade. Quem abraça a inocência de uma vida santa não se gaba do nome, não conta garganta. E o procedimento humilde da devoção não combina com a bazófia dessa ambição. Pra que tanto orgulho?... Não fique bravo à toa. Não falo da nobreza, falo da pessoa. Sem pestanejar, dá uma moça como ela para um homem como ele ter na tutela? O senhor não devia pensar nas conveniências dessa união e medir todas as conseqüências? Toda virtude da mulher fica ameaçada se não pode escolher com quem vai estar casada. E pra ela ser honesta, como é devido, depende é das qualidades do marido. Aqueles cuja testa chama a atenção fizeram das esposas o que elas são. É bem difícil ser fiel e virtuosa se o marido não é do gosto da esposa. Quem dá pra filha um homem que é por ela odiado fica responsável por todos seus pecados. Sua decisão é perigosa. Pense bem.
- ORGON - Agora, ela me ensina a viver também!
- DORINA - O senhor devia era aprender com quem ensina.

ORGON - *(para Mariana)* Já chega de ouvir as bobagens de Dorina, Eu sou seu pai, sei o que é melhor pra tua vida. Esse Valério, a quem estava prometida, me disseram que não passa de um jogador, que pra libertinagem tem certo pendor e nunca vi esse moço entrando na igreja.

DORINA - Ah... Tem de ir rezar na hora que o senhor esteja, igual a um certo alguém que só quer ser notado.

ORGON - Eu não pedi sua opinião. Bico calado. Tartufo já tem seu lugar no paraíso e nada pode ser mais precioso que isso. Terá com ele tudo o que possa querer, tua vida será só doçura e prazer. Em ardores fiéis viverão bem juntinhos, como duas crianças, como dois pombinhos. Jamais vão discutir por qualquer leviandade e ele vai fazer todas as tuas vontades.

DORINA - Ela vai é fazer dele um corno, pois não.

ORGON - Êh! Que boca!

DORINA - Ele já tem toda vocação. Os astros já decidiram a sua sorte, mesmo com mulher virtuosa e que se comporte.

ORGON - Já chega de me interromper. Fique calada e não meta o nariz onde não foi chamada.

DORINA - Falo no seu próprio interesse, meu senhor.

Ela o interrompe sempre no momento que ele se vira para falar com a filha.

ORGON - Dispensio o incômodo. Cale-se, por favor.

DORINA - Se eu não gostasse do senhor...

ORGON - Gosta de mim? Pois não quero que goste.

DORINA - Gosto, mesmo assim.

ORGON - Ah!

DORINA - Cuido da sua honra e não vou deixar que o senhor dê razão pra ninguém futricar.

ORGON - Você não vai ficar quieta?

DORINA - É que é um tormento ver o senhor insistir nesse casamento.

ORGON - Cale a boca e baixe esse olhar atrevido!

DORINA - Pra quem é devoto, está muito enfurecido!

ORGON - O meu sangue ferve com tanta patacoada e ordeno que fique com a boca fechada.

DORINA - Seja. Mas não é por não falar que eu não penso.

ORGON - Pense, se quiser; mas vê se tem o bom senso de não me contar. Já chega. (*volta-se para a filha*) Como seu pai, ponderei cuidadosamente tudo.

DORINA - Ai, que estouro de raiva! (*ela se cala quando ele vira a cabeça*)

ORGON - Sem ser nenhum galã, Tartufo...

DORINA - Xi! Topar com ele de manhã!

ORGON - ...mesmo você não simpatizando em nada com seus dotes...

DORINA - Tirou a sorte grande, a coitada! No lugar dela, só um homem muito imprudente casava comigo à força impunemente, mas no fim da festa já ia se dar conta que uma mulher tem sempre uma vingança pronta.

ORGON - Então, não vai obedecer o que eu mandei?

DORINA - O que que é? Não foi com o senhor que eu falei.

ORGON - Com quem foi então?

DORINA - Falei foi comigo mesma.

ORGON - Bom. Para castigar essa insolência extrema, vai ter de sentir o peso da minha mão.

Ele se coloca em posição de lhe dar um tabefe. Dorina incita Mariana a reagir, mas cada vez que Orgon olha para ela, se endireita e fica muda.

ORGON - Filha, deve aceitar a minha decisão... O marido, acredite... que eu soube escolher... (*para Dorina*) Vai falar?

DORINA - Não tenho nada pra me dizer.

ORGON - Uma palavra.

DORINA - Não estou com vontade, estou?

ORGON - Certo, eu estou olhando.

DORINA - Boba eu não sou.

ORGON - Enfim, minha filha, mostre a tua obediência e aceite a minha escolha com deferência.

DORINA - (*escapando*) Casar com um homem desses deve ser gozado.

Ele dá um tapa, mas não acerta nela.

ORGON - Filha, você tem uma peste ao seu lado. Se ficar aqui vou danar a minha alma. Não posso continuar porque perdi a calma. Me põe o espírito em fogo, essa insolente. Preciso de ar puro pra aclarar minha mente.

Sai.

DORINA - Que que foi? Me diga. Perdeu a língua agora? E eu tenho de fazer o papel da senhora? Escuta esse projeto louco sem um gesto pra reagir e engole tudo sem protesto!

MARIANA - Contra um pai ditador o que quer que eu faça?

DORINA - Que fale o que é preciso pra acabar com a ameaça.

MARIANA - O que?

DORINA - Que um coração não pode amar por outro. Que é você que se casa e não ele. Pronto. Que, sendo a vítima desse mal-entendido, é você, não ele, que tem de amar o marido. E que se ele acha o Tartufo atraente, que se case com ele e viva contente.

MARIANA - Um pai exerce sobre nós tanto poder que, juro, não tive força pra responder.

DORINA - Vamos ver. Valério te fez uma proposta. Me diga: você gosta dele ou não gosta?

MARIANA - Ah! Você é injusta com meu amor, Dorina! Por que me faz uma pergunta tão ferina? Eu já não te abri mil vezes o coração e contei até onde vai minha paixão?

DORINA - Sei lá se o teu coração falou pela boca e se esse rapaz é muito ou se é coisa pouca.

MARIANA - Você me magoa achando que eu minto, de alma aberta já te confessei o que sinto.

DORINA - Então, gosta dele?

MARIANA - Até mais do que convém.

DORINA - E, ao que tudo indica, ele te ama também?

MARIANA - Acho que sim.

DORINA - E os dois querem igualmente se casar um com o outro?

MARIANA - Exatamente.

DORINA - E quanto à outra proposta, o que vai fazer?

MARIANA - Eu me mato se for forçada a obedecer.

DORINA - Bom. É uma coisa que não me atrai, por certo. Perder a vida para se livrar do aperto. É uma ótima solução. Maravilhosa! É o tipo da idéia que me deixa furiosa.

MARIANA - Não fale assim, Dorina. Isso até fica feio! Você não tem pena do desespero alheio?

DORINA - Eu não tenho pena de quem fala bobagem e, na hora agá, amolece e não age.

MARIANA - Que que você quer? Tenho muita timidez...

DORINA - Pra amar, um coração precisa é de firmeza.

MARIANA - Não me guardei pra paixão de Valério? Então. Agora, ele que lute pela minha mão.

DORINA - Como? Se teu pai é um rematado teimoso que encasquetou com esse Tartufo, tão piedoso, e faltou com a palavra que já tinha dado? Acha que a culpa, agora, é do teu namorado?

MARIANA - Recusar a escolha que o meu pai quer me impor é revelar a todo o mundo o meu amor e por ele sacrificar minha família, meu pudor de mulher e meu dever de filha. O que você quer, Dorina, é que eu vire as costas...

DORINA - Eu não quero nada. Vejo que está disposta a casar com Tartufo. E, pensando bem, esse assunto não é da conta de ninguém. Quem sou eu pra ir contra o que a senhora quer? Ele é um bom partido para qualquer mulher. O senhor Tartufo! Oh! oh!, mas que beleza! Certo! O seu Tartufo, pra falar com franqueza, não é um homem que arrote santidade e é uma grande honra ser sua cara metade. Por todo mundo ele é sempre glorificado, é nobre na sua terra, é bem apessoado: tem a orelha vermelha e o rosto bem viçoso. Vai ser bem feliz quando ele for seu esposo.

MARIANA - Meu Deus...

DORINA - Ah!, vai ser uma alegria sem fim se casar com um homem tão bonito assim.

MARIANA - Ai! eu te imploro, pare com esse tormento e me ajude a lutar contra esse casamento. Chega. Eu me rendo e faço tudo o que quiser.

DORINA - Não. A boa filha só faz o que o pai quer, mesmo que ele bote um macaco na tua cama. Tua sorte é muito boa, do que é que reclama? Ele te leva pra aldeia de onde saiu que deve ser bem fértil de primos e tios com quem você vai se dar bem até demais. Depois é a vez das autoridades locais: vai ter de visitar, cheia de atenção, a mulher do fiscal e a mulher do escrivão que vão te dar a honra de sentar com elas. O carnaval, que você vai ver da janela, deve ter bandinha, talvez até confete. De vez em quando, um teatrinho de marionete, se o seu marido...

MARIANA - Ai, você vai me matar! Em vez disso, devia era me aconselhar.

DORINA - Sinto muito.

MARIANA - Ah, Dorina, fala comigo...

DORINA - Tem de casar com Tartufo, só de castigo.

MARIANA - Minha amiga...

DORINA - Não.

MARIANA - Vá, tenha pena de mim.

DORINA - Chega. Tartufo é o homem da tua vida. E fim.

MARIANA - Você que é minha amiga, mais do que criada, faça...

DORINA - Não. Vai ter de ser tartuficada.

MARIANA - Tá bom. Já que não liga para o meu futuro, vou me entregar ao total desespero. Juro: só assim vou poder encontrar, afinal, o remédio infalível pra todo o meu mal.

Faz menção de sair.

DORINA - Ah! Volte aqui. Vamos acabar com essa cena. Apesar de tudo, você merece pena.

MARIANA - Olha, se o meu pai me forçar a casar, juro, Dorina, eu vou ter de me matar.

DORINA - Agora chega. Esse assunto tá resolvido. Olha quem vem vindo: Valério, o teu querido.

VALÉRIO - Mariana, acabo de saber de um boato que é uma beleza e quero saber se é exato.

MARIANA - O que?

VALÉRIO - Que vai casar com Tartufo.

MARIANA - A verdade é que meu pai me disse que essa é a sua vontade.

VALÉRIO - Seu pai, Mariana...

MARIANA - Mudou de idéia, Valério. E me fez essa proposta.

VALÉRIO - Então é serio?

MARIANA - É sério. Meu pai acha que tem o direito de escolher por mim e exige o meu respeito.

VALÉRIO - E o que é que você acha dessa proposta, Mariana?

MARIANA - Eu? Eu não sei.

VALÉRIO - Bela resposta. Não sabe?

MARIANA - Não.

VALÉRIO - Não?

MARIANA - O que é que você me diz?

VALÉRIO - Eu? Que deve casar com ele e ser feliz.

MARIANA - Você acha mesmo??

VALÉRIO - Acho.

MARIANA - Sinceramente?

VALÉRIO - Se seu pai mandou, deve ser obediente.

MARIANA - Se é o conselho que me dá, é o que vou fazer.

VALÉRIO - E não vai sofrer nada para obedecer.

MARIANA - Não mais do que sofreu para me aconselhar.

VALÉRIO - Se te dei conselho foi para te agradar.

MARIANA - E aceito com a obediência mais absoluta.

DORINA - (*à parte*) Vamos ver quem é que vai ganhar essa luta.

VALÉRIO - É assim que se ama? Era tudo falsidade quando nós...

MARIANA - Não fale nisso, por caridade. Você me disse, francamente, pra aceitar o marido com quem meu pai quer me casar. E, sinceramente, te digo que o que quero é seguir à risca o teu conselho sincero.

VALÉRIO - Não se desculpe usando as minhas intenções, pois sei que já tomou suas resoluções e usa de um pretexto sem pé nem cabeça pra se justificar por faltar à promessa.

MARIANA - É isso mesmo.

VALÉRIO - É, sim e o seu coração jamais teve por mim verdadeira paixão.

MARIANA - Pense o que quiser. Você tem todo direito.

VALÉRIO - Tenho sim. E a dor que sinto dentro do peito me leva a querer seguir o mesmo caminho: já sei pra quem oferecer meu carinho.

MARIANA - Ah, eu não duvido nada. E sei quanto amor merece o seu valor.

VALÉRIO - Esqueça o meu valor: tenho muito pouco, a julgar por teu desdém; mas espero que outra me receba bem e que de bom grado, com a alma aberta, não tenha medo de reparar minha perda.

MARIANA - A perda não é grande e você, certamente, se conforma com a troca rapidamente.

VALÉRIO - Farei todo o possível, pode ter certeza. Um homem desprezado perde a fortaleza e deve se empenhar pra desprezar também. Se não consegue, que, ao menos, finja. Porém jamais se poderá perdoar a covardia de demonstrar amor por quem nos repudia.

MARIANA - É um sentimento muito nobre e elevado.

VALÉRIO - Sem dúvida! E que é por todo mundo aprovado. Por que? Devo guardar o fogo da paixão por você para sempre no meu coração? E ver que a outro homem você se sujeita, sem poder dar a outra o amor que rejeita?

MARIANA - Ao contrário. O que eu mais quero na minha vida é ver, bem depressa, essa história resolvida.

VALÉRIO - Quer?

MARIANA - Quero.

VALÉRIO - Agora chega de me insultar. Pela última vez, eu vou te contentar.

Dá um passo em direção da saída, mas volta.

MARIANA - Muito bem.

VALÉRIO - Nunca se esqueça: foi você mesma que me fez chegar a essa atitude extrema.

MARIANA - Sei.

VALÉRIO - E que só estou tomando esta decisão pelo teu exemplo.

MARIANA - Meu exemplo, pois não!

VALÉRIO - Basta. Tua vontade será obedecida.

MARIANA - Ótimo.

VALÉRIO - É a última vez que me vê na vida.

MARIANA - Já não é sem tempo.

Valério sai, mas assim que chega na porta, volta-se.

VALÉRIO - Ahn?

MARIANA - O que?

VALÉRIO - Me chamou?

MARIANA - Eu? Está sonhando.

VALÉRIO - Então, agora eu vou. Adeus, Mariana.

MARIANA - Adeus, Valério.

DORINA - Eu, por mim, acho que vocês dois estão loucos. Enfim... Fiquei quietinha enquanto o casal discutia só para ver até que ponto a coisa ia. É, seu Valério.

Ela vai buscá-lo pelo braço e ele finge grande resistência.

VALÉRIO - O que é que você quer, Dorina?

DORINA - Venha cá.

VALÉRIO - Não, não. O despeito me domina. Não volto para quem não me quer a seu lado.

DORINA - Espera aí.

VALÉRIO - Não. Isso é assunto encerrado.

DORINA - Ah!

MARIANA - Não vê que ele não quer nem olhar pra mim? Acho que é melhor eu ir embora daqui.

Dorina larga Valério e corre para Mariana.

DORINA - A outra! Onde é que vai?

MARIANA - Larga.

DORINA - Tem de voltar.

MARIANA - Não, Dorina, não adianta me segurar.

VALÉRIO - Estou vendo que ela não quer me ver por perto. Se eu for embora, será um alívio, por certo.

Dorina larga de Mariana e corre para Valério.

DORINA - De novo? O diabo te leve se for embora. Chega de bobagem. Quietos os dois agora.

Puxa os dois, um para perto do outro.

VALÉRIO - O que é que vai fazer?

MARIANA - O que é que você quer?

DORINA - Juntar os dois e acabar com esse nhe-nhe-nhê . *(Para Valério)* Tá maluco? Armar um tamanho salseiro?

VALÉRIO - Você não viu? Ela me destratou primeiro.

DORINA - *(para Mariana)* E você está louca pra ficar tão zangada?

MARIANA - Você não percebeu, não?, como eu fui tratada?

DORINA - *(para Valério)* Bobagem dos dois. Essa aí, sou testemunha, só se guarda pra você. O resto é calúnia. *(para Mariana)* O moço está perdidamente apaixonado e quer casar. Só não juro porque é pecado.

MARIANA - Para que me dar aquele conselho mau?

VALÉRIO - Por que me perguntar desse assunto, afinal?

DORINA - Dois malucos. Vá. Dá a mão aqui pra Dorina. *(para Valério)* A sua.

VALÉRIO - (*dando a mão*) Pra que?

DORINA - (*para Mariana*) Ah! Vá. A sua, menina.

MARIANA - (*dando a mão também*) Pra que isso?

DORINA - Meu Deus! Depressa. Aqui. Perto. Vocês se amam mais do que imaginam. Certo?

VALÉRIO - (*para Mariana*) Mas vê se nunca mais você me faz penar e deixa eu ver se não há raiva em teu olhar.

Mariana olha para ele e dá um pequeno sorriso.

DORINA - Pra dizer a verdade, quem ama é bem louco!

VALÉRIO - Bom. Eu tenho razão de reclamar um pouco. Sinceramente, não acha que foi maldosa de brincar com uma coisa tão dolorosa?

MARIANA - Você... Você é a criatura mais ingrata...

DORINA - Deixa esse debate pra uma outra data: a gente tem um casamento pra impedir.

MARIANA - Então diga como a gente vai ter de agir.

DORINA - Nós vamos ter de agir de diversas maneiras. Seu pai não fala a sério, há de ser brincadeira. Pra vocês o melhor é dar a aparência de que estão concordando com essa extravagância, pois assim, num caso de alarme, sempre resta o recurso de atrasar a data da festa. Se a gente ganhar tempo, vai ser de colher! Primeiro você inventa uma doença qualquer que veio de repente e que exige repouso. Depois diz que teve um presságio horroroso: que cruzou com um enterro e isso te perturba que quebrou um espelho ou sonhou com água turva. O plano é que a ninguém, a não ser ele, enfim, possam te entregar sem que você diga sim. Mas para a gente resolver bem esse assunto, é indispensável que ninguém veja os dois juntos. (*Para Valério*) Adeus. Peça ajuda a quem quer te conheça, pra fazer o pai dela cumprir a promessa. Nós vamos pedir a ajuda do seu irmão e ver se a sua madrasta nos estende a mão.

VALÉRIO - Mesmo sabendo que juntos tudo se alcança, você, Mariana, é a minha maior esperança.

MARIANA - (*para Valério*) A vontade de um pai é sempre um mistério, mas eu não serei de ninguém. Só de Valério.

VALÉRIO - Você me enche de alegria! Se alguém ousar...

DORINA - Ah! quem ama não cansa de se declarar. Fora, estou mandando.

VALÉRIO - (*dá um passo e volta*) Eu...

DORINA - Já chega de falar! (*Empurrando os dois*) Você sai por aqui e você vai por lá.

TERCEIRO ATO

DAMIS - Quero que um raio me fulmine e me arrebente e que todo mundo me chame de demente, se alguém nesta terra tiver força e poder para impedir a loucura que eu vou fazer.

DORINA - O senhor faça o favor de se controlar. O que eu acho é que o seu pai falou por falar; nem sempre a gente realiza o nosso projeto e entre o plano e a coisa é longo o trajeto.

DAMIS - Tenho de impedir os planos desse imbecil e dizer umas coisas que ele nunca ouviu.

DORINA - Calma aí . Não sei porque você se desgasta. Deixe o Tartufo nas mãos da tua madrasta. Com ela, ele tem certa consideração e tudo o que ela diz, ouve com atenção. Pode ser que haja até algo mais pelo meio. Deus permita! pra nós seria um prato cheio. Ela até já me mandou chamar o sujeito, pra descobrir o que é que ele pensa a respeito desse casamento que tanto te apoquentou e falar da confusão que dá, se ele inventa de aceitar o rolo que teu pai quer fazer. Ele estava rezando e não pode atender. O criado disse que só faltava o "amém", então é melhor sair, porque ele já vem.

DAMIS - Quero só ver o que diz esse camarada.

DORINA - Fora. Eles têm de ficar sós.

DAMIS - Não digo nada.

DORINA - Sei, sei. Estourado como costuma ser vai é botar essa coisa toda a perder. Saia.

DAMIS - Não. Quero ver. Juro que fico quieto.

DORINA - Que amolação! Ele vem vindo. Vade retro!

Damis sai. Tartufo entra e vê Dorina. Fala para fora de cena.

TARTUFO - Guarde o cilício e o açoite com disciplina e depois reze a este céu que te ilumina.

Se alguém me procurar, fui até a prisão repartir as esmolas que tanto me dão.

DORINA - Ai, que afetado! Que vaidoso! Que ridico!

TARTUFO - O que deseja?

DORINA - Eu...

TARTUFO - (*tirando um lenço do bolso*) Ah, meu Deus, eu suplico que pegue este lenço antes de me falar.

DORINA - Como?

TARTUFO - Cubra esse seio que não posso olhar. Coisas assim nos lançam a alma em tormento e nos enchem a mente de maus pensamentos.

DORINA - Como o senhor deve sofrer com a tentação! Só de olhar meu decote, tanta excitação! Não sei porque o senhor fica tão afogueado; eu não sou assim tão disposta propecado. Eu podia até ver o senhor nu em pêlo, que nem mesmo assim me arrepiaria os cabelos.

TARTUFO - Se não usar de mais modéstia ao falar, eu, sinto muito, vou ter de me retirar.

DORINA - Não. Sou eu que vou deixar o senhor em paz. Quero dizer só duas palavrinhas mais. Minha patroa quer falar com o senhor e pede que lhe dê um minuto, por favor.

TARTUFO - Ora, com todo prazer.

DORINA - (*à parte*) Como ele adoçou! Taí. Bem como a Dorina aqui desconfiou.

TARTUFO - Ela vem logo?

DORINA - Já deve estar pra chegar. Se me dá licença, eu não quero incomodar.

Sai. Entra Elmira.

TARTUFO - Que o céu permita, em sua infinita bondade, ter o corpo em saúde e a alma em santidade. E abençoe os seus dias tanto quanto aspira este humilde servo que o seu amor inspira.

ELMIRA - Fico muito agradecida por seus cuidados, mas acho que podemos conversar sentados.

TARTUFO - E como a senhora está se sentindo agora?

ELMIRA - Muito bem. Aquela febre foi logo embora.

TARTUFO - As minhas preces não merecem tanta estima para conseguir essa graça lá de cima, mas toda vez que me ajoelhava em oração, pedia aos céus a sua recuperação.

ELMIRA - O senhor não precisava se incomodar.

TARTUFO - Nenhum esforço é demais por seu bem-estar. Dou minha própria saúde pra vê-la sã.

ELMIRA - É levar bem longe a caridade cristã. Do seu cuidado serei sempre devedora.

TARTUFO - É muito menos do que merece a senhora.

ELMIRA - Eu queria tratar de um assunto em segredo e nesta sala podemos falar sem medo.

TARTUFO - Estou desvanecido. É uma grande alegria me encontrar sozinho em sua companhia. É uma ocasião que pedi ao céu vezes seguidas, sem que, até agora, me fosse concedida.

ELMIRA - Eu, o que desejo, é por as cartas na mesa e que me abra o coração com toda franqueza.

TARTUFO - O que almejo, por essa graça alvissareira, é desnudar aos seus olhos minha alma inteira. E deixar claro que, se tenho protestado contra tanta visita sempre do seu lado, não é por qualquer sentimento que magoa, mas porque me interessa por sua pessoa e acho meu dever...

ELMIRA - Compreendo sua atitude e sei que se preocupa com minha saúde.

Tartufo pega a mão dela.

TARTUFO - Sem dúvida. Isso é tudo o que mais me importa...

ELMIRA - Ai! Está doendo.

TARTUFO - É o zelo que me transporta. Jamais poderia fazer mal à senhora e acho que preferia...

Ele coloca a mão sobre o joelho dela.

ELMIRA - E essa mão agora?

TARTUFO - Queria tocar seu vestido. É tão macio.

ELMIRA - Pare, por favor. Tenho cócegas e rio.

Ela afasta a cadeira e Tartufo aproxima a dele.

TARTUFO - Meu Deus! essa renda é algo maravilhoso! O trabalho moderno é quase milagroso; é uma das coisas mais delicadas do mundo.

ELMIRA - É. É, sim. Mas vamos falar do nosso assunto. Meu marido vai desfazer o compromisso e dar a filha ao senhor. É verdade, isso?

TARTUFO - Ele tocou no assunto, mas pra ser sincero, não é essa a felicidade que eu espero. Mariana tem suas qualidades, isso eu vejo, mas é outra a bonança que eu tanto desejo.

ELMIRA - O senhor não se prende às coisas da terra.

TARTUFO - Não é de pedra o coração que aqui se encerra.

ELMIRA - Creio que só aspira às coisas celestiais e que as coisas mundanas não lhe atraem mais.

TARTUFO - O amor que nos prende aos prazeres eternos não sufoca em nós os sentimentos ternos. Nossos sentidos inda podem se encantar com as obras perfeitas que o céu quis criar. Em todo ser humano esse encanto rebrilha, mas a senhora ostenta raras maravilhas. Sobre o seu rosto o céu espalhou tal beleza que é pra alma um transporte e pros olhos surpresa. Quando me deparo com o seu esplendor, na senhora admiro o nosso Criador e sinto meu peito se encher de amor ardente por tão belo retrato dele feito gente. De início, temi que esta chama secreta fosse maligna armadilha do capeta e evitava te ver, com determinação, temendo que

impedisse a minha salvação. Mas enfim descobri, minha bela adorável, que minha paixão podia ser desculpável, que em nada atentava contra a honra e o pudor e isso me permitiu liberar meu amor. Devo confessar que é uma audácia tremenda, ousar te dar meu coração como oferenda. Tudo agora depende da tua bondade, nada pode fazer minha fragilidade. De você depende meu bem, minha quietude, minha esperança, meu castigo ou beatitude. E a tua simples resposta vai me deixar feliz, se quiser, infeliz, se te agradar.

ELMIRA - Sua declaração, sem dúvida, é galante, mas devo confessar que é desconcertante. Devia, eu acho, controlar seus sentimentos e pensar um pouco mais sobre os seus intentos. Um devoto como o senhor, de cujo nome...

TARTUFO - Ah!, por ser devoto, eu não sou menos homem. Depois de ver as tuas graças celestiais, o coração se rende e já não pensa mais. Sei que o que estou dizendo muito te admira, mas, afinal, eu não sou nenhum anjo, Elmira. E se me condena por esta confissão a culpa é da tua feiticeira atração. Quando vi brilhar tua graça mais que humana, da minha alma se tornou a soberana. A inefável doçura em teu divino olhar, dobrou-me a resistência e não pude lutar; a tudo superou: jejuns, preces, pranto, e me tornou um escravo do teu encanto. Mil vezes quis falar, com um suspiro atroz, mas só agora me explico de viva voz. E se contemplar, com teu coração benigno, as tribulações deste seu escravo indigno, se a tua bondade quiser me consolar e à minha pequenez dignar-se rebaixar, terei por você, criatura celestial, uma devoção que nunca se viu igual. Tua honra não correrá nenhum perigo e jamais terá nada a temer comigo. Esses galãs da corte, tão admirados, agem com muito ruído e falam sem cuidado; dos seus progressos estão sempre se gabando, todas suas conquistas sempre revelando e sua língua indiscreta desonra o altar do amor da imprudente que nela confiar. Gente como nós arde com fogo discreto e dá garantias a um amor secreto. O cuidado que tomamos com nossa fama responde por tudo à pessoa que se ama e em nós se encontra, aceitando nosso amor, paixão sem escândalo e prazer sem temor.

ELMIRA - Agradeço a atenção que o senhor me dedica, mas são bem fortes os termos com que se explica. Será que, de fato, não tem nenhum receio que eu revele a meu

marido o seu galanteio? E que possa perder, por causa desse amor, a amizade que ele hoje tem pelo senhor?

TARTUFO - Sei que tem uma grande generosidade e vê com bons olhos minha temeridade; que saberá desculpar a fraqueza humana com que me entrego todo à paixão tirana; que diante da beleza que tanto a destaca, nenhum homem é cego e a carne é fraca.

ELMIRA - Outras agiriam diferente, talvez, mas eu prefiro ser discreta, desta vez. Não vou revelar nada disto ao meu marido, mas, em troca, quero lhe fazer um pedido: que fale com ele, muito sério e sem chicana, sobre o casamento de Valério e Mariana, renunciando o senhor ao injusto poder que, às custas dela, pode lhe favorecer...

Damis sai do esconderijo de onde ouvia tudo.

DAMIS - Nada disso! Tem de contar a seu marido. Eu vi e escutei tudo, ali, escondido. Parece que foi o céu que me conduziu, pra pegar esse tratante que me traiu e, assim, abrir as portas à minha vingança da sua hipocrisia e da sua arrogância. Meu pai vai saber quem é esse traidor, que tem a audácia de vir lhe falar de amor.

ELMIRA - Não, Damis, basta que ele seja sensato e reconheça que é generoso o meu ato. Como eu já prometi, não me desminta, não. Não é do meu feitio armar confusão. A mulher deve sorrir quando é cortejada e impedir que sua casa seja perturbada.

DAMIS - Deve ter suas razões para agir assim, mas essa atitude não serve para mim. Poupar esse canalha é uma covardia. Ele instalou, com sua devota hipocrisia, desordem na nossa família. E esse insolente jamais poderá escapar impunemente. Meu pai, dominado, perdeu todo o critério e prejudicou meus planos e os de Valério. O céu me pôs na mão o instrumento perfeito para libertar o meu pai desse sujeito. Devo a ele mesmo esta ocasião abençoada, que é boa demais para ser desperdiçada

ELMIRA - Damis...

DAMIS - Por favor, não tente me convencer. Minha alma agora está repleta de prazer. Não tente me tirar o gosto da vingança, pois nela é que está minha última esperança.

Orgon entra.

DAMIS - Chegou bem a tempo, pai, para receber uma notícia que vai lhe surpreender. O devoto Tartufo, que o senhor hospeda, tentou pagar seu carinho na mesma moeda. Diante dos meus olhos, disse pra sua esposa que tem por ela uma paixão pecaminosa. Como tem bom coração e é muito discreta, ela queria deixar a coisa secreta. Mas não posso aceitar uma tal indecência e calar seria lhe fazer uma ofensa.

ELMIRA - Achei que era uma coisa pequena demais pra merecer que eu perturbasse a tua paz. Não é de coisas assim que a honra depende e a esposa honesta sabe como se defende. É o que acho e você não seria tão criança, Damis, se eu merecesse a sua confiança.

Sai Elmira.

ORGON - Deus do céu! Devo acreditar nos meus ouvidos?

TARTUFO - É, meu irmão, eu sou perverso, sou bandido, infeliz pecador, iníquo, baixo e vil, o pior dos impostores que jamais se viu. Minha vida é toda maculada de impurezas, um amontoado de crimes e de baixezas e vejo que o céu, para minha punição, quer me mortificar nesta ocasião. De um hediondo crime querem me acusar, mas não tenho a intenção de me desculpar. Solte a sua cólera e acredite em quem me arrasa. Como um criminoso, me expulse da sua casa. A vergonha que eu seja capaz de sentir, não será suficiente pra me redimir.

ORGON - *(para Damis)* Ah!, como ousa, com essa mentira rude, macular a pureza da sua virtude?

DAMIS - O que? A hipocrisia desse cafajeste põe o senhor contra mim e...

ORGON - Calado, peste!

TARTUFO - Ah!, deixe ele falar. Não zangue com Damis. Era melhor acreditar no que ele diz. Por que ficar do meu lado e contra o rapaz? Acaso sabe do que é que eu sou

capaz? Acredita, meu irmão, no meu exterior? Por parecer devoto, acha que sou melhor? Não. Você se deixa enganar pela aparência porque não sou nada menos do que se pensa. Todo mundo me toma por homem de bem, mas a verdade é que eu não valho um vintém. *(Para Damis)* É, meu filho, pode me chamar de bandido, de infame, de ladrão, de homicida ou perdido. Use palavras ainda mais detestadas, eu mereço todas e não respondo nada. De joelhos, recebo a vergonha merecida pela baixeza dos crimes da minha vida.

ORGON - *(para Tartufo)* É demais, meu irmão. *(para Damis)* Não enxerga, malvado?

DAMIS - Como é que o senhor permite ser enganado...

ORGON - Quietos, perversos! *(para Tartufo)* Irmão, levante-se, eu lhe imploro. *(para Damis)* Infame!

DAMIS - Pode...

ORGON - Quietos!

DAMIS - Que raiva! Eu estouro...

ORGON - Se abrir a tua boca, te quebro a cabeça.

TARTUFO - Em nome de Deus, meu irmão, não se enfureça. Não quero que ele sofra nem um arranhão; sou eu que mereço o peso da sua mão.

ORGON - *(para Damis)* Ingrato!

TARTUFO - De joelhos peço que deixe em paz o seu filho e perdoe...

ORGON - Não! Já é demais! *(para Damis)* Agradeça, patife!

DAMIS - Eu...

ORGON - Paz!

DAMIS - Eu...

ORGON - Paz, eu digo! Sei o motivo porque ataca o meu amigo. Cheios de ódio, eu vejo todos voltados contra ele: esposa, filhos, até os criados, usando de tudo, numa atitude vil, pra afastar de minha casa esse homem gentil. Mas quanto mais fizerem para expulsar esse homem, mais farei pra ele ficar. E adianto o seu casamento com minha filha, para domar o orgulho de toda a família.

DAMIS - Vai obrigar Mariana a ser sua noiva?

ORGON - Vou. E hoje mesmo, para te matar de raiva. Ah! eu enfrento todos! Vão ter de entender que eu sou dono da casa e têm de obedecer. Vamos, se desculpe. Agora, mandrião, se jogue aos pés dele e peça o seu perdão.

DAMIS - Quem? Eu? me ajoelhar pra esse impostor indigente...

ORGON - E ainda resiste, malandro? E ainda ofende? Um chicote! Um chicote! (*Para Tartufo*) Não. Não me segure. (*Para Damis*) Saia desta casa e não volte enquanto dure a minha vida. Fora! Rua! Saia, agora!

DAMIS - Tá bom, eu saio, mas...

ORGON - Depressa, vá embora! Hoje eu te deserdo de todos os meus bens, velhaco, e leve a minha maldição também.

Sai Damis.

ORGON - Ofender dessa forma uma pessoa santa!

TARTUFO - Que o meu perdão, ó céu, vosso perdão garanta. (*Para Orgon*) Se soubesse como vejo com desprazer que ante os seus olhos tentam me comprometer...

ORGON - Coitado!

TARTUFO - Essa ingratidão me desilude e faz minha alma sofrer suplício tão rude... Um horror... O coração para de bater, não posso falar e sinto que vou morrer.

Orgon corre, em lágrimas, até a porta por onde saiu Damis.

ORGON - Maldito! Me arrependo por não ter te dado a surra que você merecia, malvado! Calma agora, meu irmão. Não fique nervoso.

TARTUFO - Vamos por um fim a este assunto penoso. Diante dos graves problemas que eu fiz surgir, acredito, irmão, que devo me despedir.

ORGON - Como? Não brinque assim.

TARTUFO - Me odeiam. E, de fato, suspeitam da sinceridade dos meus atos.

ORGON - Que me importa? Acha que eles vão me convencer?

TARTUFO - Porém vão continuar tentando, pode crer. E essas acusações, por mais que hoje rejeite, talvez numa próxima vez você aceite.

ORGON - Não, meu irmão, jamais!

TARTUFO - Ah!, é fato sabido que toda mulher sempre surpreende o marido.

ORGON - Não, não.

TARTUFO - Me deixe ir embora imediatamente, para não sofrer mais o ataque dessa gente.

ORGON - Não. Só sai daqui por cima do meu cadáver.

TARTUFO - Eu me sacrifico então. E assim há de ser. Mas se...

ORGON - Ah!

TARTUFO - Seja feita a vontade do céu. Mas sei como agir neste caso em que sou réu. A honra é delicada e a amizade me obriga a não dar causa pra falatório e intriga: vou evitar sua mulher com toda a cautela.

ORGON - Contra tudo e todos, será visto com ela. Irritar todo mundo é a minha alegria! Quero que esteja sempre em sua companhia. E não é tudo: pra afrontar quem te quer mal, quero que seja meu herdeiro universal. E vou agora mesmo, palavra de homem!, passar as minhas posses para o seu nome. O amigo que será meu genro, brevemente, me é mais caro que filhos, mulher e parentes. Me prometa que aceita a minha proposta?

TARTUFO - A vontade dos céus aceito de mãos postas.

ORGON - Vamos depressa fazer esse documento e que estourem de inveja e de ressentimento.

Saem.

QUARTO ATO

CLEANTO - Todo mundo comenta, acredite, por favor, esse escândalo só depõe contra o senhor. É uma sorte a gente se encontrar desse jeito, para eu lhe dizer o que penso a respeito. Sobre o que falam, eu não vou me aprofundar. Coisas como essa é melhor deixar passar. Admitamos que Damis foi imprudente e que o senhor foi

acusado injustamente. Não será mais cristão perdoar a ofensa e arrancar do peito o desejo de vingança? Por causa de uma desavença, o senhor vai deixar o filho ser expulso pelo pai? Repito, com toda franqueza: só um vândalo não ficaria chocado com esse escândalo. O senhor deveria, se acredita em mim, desistir de levar esse assunto até o fim. Sacrifique a Deus a cólera que lhe abrasa e traga esse filho de volta para a casa.

TARTUFO - Isso é o que eu desejo com todo meu ardor, pois não guardo pelo rapaz nenhum rancor. Perdo a culpa que ele tem por tudo isso e, de bom grado, ponho a alma a seu serviço. No interesse do céu, não posso consentir e se entrar nesta casa, eu tenho de sair. Depois do que ele fez, esse ato vergonhoso, o contato entre nós seria escandaloso. Deus sabe o que todo mundo pensaria: que eu estaria usando de diplomacia. E iam dizer que, por me sentir culpado, a quem me acusou fingi ter perdoado, porque meu coração está cheio de medo e procuro comprar seu silêncio em segredo.

CLEANTO - O senhor fabrica desculpas bem floreadas, mas as suas razões são bastante forçadas. Por que se encarrega do interesse do céu? Ele precisa de nós pra punir o réu? O céu que se encarregue das suas vinganças. No perdão é que residem nossas esperanças e nada importam as opiniões humanas, se as ordens do céu são para nós soberanas. Ora! O mero interesse pela opinião alheia pode impedir uma boa ação? Não. Temos de obedecer ao céu com carinho e fechar a alma a interesses mesquinhos.

TARTUFO - Já disse: minha alma perdoa e não condena. Não será isso fazer que o céu ordena? Mas com o escândalo e a afronta de Damis, o céu me ordena não viver com ele aqui.

CLEANTO - E lhe ordena também, Tartufo, a dar ouvido ao mero capricho de um pai enlouquecido? E a aceitar o presente que lhe é feito e ao qual bem sabe que não tem nenhum direito?

TARTUFO - Os que me conhecem bem jamais pensarão que aceito esse presente por pura ambição. Os bens do mundo não podem me seduzir, por seu falso brilho não me deixo iludir. E saiba que, se me disponho a receber essa doação que Orgon quer

me fazer, é, a bem da verdade, porque não me agrada que toda essa riqueza caia em mãos erradas. Mãos de gente que, uma vez em pleno gozo da fortuna, dela fará uso criminoso, quando deve servir ao fim mais relevante da glória do céu e do bem do semelhante.

CLEANTO - Por favor! Levar seu zelo a um tal grau pode gerar protestos do herdeiro legal. Com que direito se encarrega de um confisco? Que ele use os seus bens por sua conta e risco. É melhor ver esse dinheiro mal usado, que da sua posse indevida ser acusado. Me admira é que, sem nenhuma hesitação, o senhor tenha aceito essa proposição. Terá o céu algum preceito justiceiro que manda destituir um legítimo herdeiro? E se o céu impede de um modo tão concreto que conviva com Damis sob o mesmo teto, não seria melhor, para um homem decente, retirar-se desta casa discretamente, em vez de, contra toda razão, tolerar que, por sua causa, se expulse o filho do lar? Isso dá, da sua honestidade, me creia, uma imagem bem...

TARTUFO - Seu Cleanto, são três e meia. A oração da tarde não pode esperar, tenho de subir, vai me desculpar.

Sai.

CLEANTO - Ah!

Entram Dorina, Mariana e Elmira.

DORINA - Por Deus, ajude a gente. Não é direito fazer essa menina sofrer desse jeito. O pai marcou pra hoje à noite o casamento e ela cai em prantos a todo momento. Ele vem vindo. E, seja por bem ou por mal, temos de derrubar esse plano infernal que está deixando todo mundo abatido.

Entra Orgon.

ORGON - Ah! Que alegria ver todo mundo reunido. (*Para Mariana*) Este contrato vai te dar muito prazer e vocês já sabem o que eu quero dizer.

MARIANA - (*de joelhos*) Pai, em nome do céu, que vê a minha dor e de tudo o que é sagrado para o senhor, relaxe um pouco o seu direito paterno pra que a obediência não me seja um inferno. Para que me forçar, com essa dura lei, a lamentar o que sempre lhe deverei? Esta vida, meu pai, que o senhor mesmo quis me dar, não faça que seja sempre infeliz. Se me rouba a esperança que ousou alimentar de um dia ser daquele que acredito amar, tenha ao menos a bondade, peça de joelhos, de não me entregar para aquele que eu odeio.

ORGON - (*sentindo-se enternecer*) Quietos, meu coração, ai!, nada de fraqueza.

MARIANA - Seu amor por ele não me causa tristeza; demonstre ainda mais, lhe entregue os seus bens e, se isso não bastar, entregue os meus também. Concordo, de bom grado, isso não me magoa. Mas ao menos respeite a minha pessoa e permita que num convento recolhida, passe os tristes dias que me restam de vida.

ORGON - Ah! É assim que se fabricam religiosas: quando um pai combate suas chamadas amorosas. De pé! Quanto maior for sua resistência, maior será o mérito da penitência. Mortifique os sentidos nesse casamento e poupe o seu pai de todo esse tormento.

DORINA - O que?!...

ORGON - Fale com a sua laia. Está proibida de abrir a boca, se não quer ser despedida.

CLEANTO - Se posso dar um conselho como resposta...

ORGON - Dos teus belos conselhos todo mundo gosta, pra mim são importantes, muito ponderados, mas não preciso deles agora, cunhado.

ELMIRA - (*para o marido*) Diante do que vejo, não sei o que dizer e a sua cegueira chega a me surpreender. É ser bem cabeçudo, é estar possuído, nos desmentir a todos sobre o acontecido.

ORGON - Diga o que disser, eu creio nas aparências. Sei que por meu filho tem muita complacência e teve medo de desmentir o malvado quando tentou dar um golpe neste coitado. Estava calma demais pra merecer confiança, quando devia estar cheia de insegurança.

ELMIRA - Será que uma simples declaração de amor exige que a honra se encha de furor? E que a honra responda a tudo que lhe toca com fogo nos olhos e uma injúria na boca? A mim essas coisas fazem rir, simplesmente e acho que o escândalo é uma coisa deprimente. As mulheres devem ser suaves quando agem e jamais como essas pudicas selvagens que têm a honra cheia de garras e dentes e, ao menor olhar, atacam como dementes. Deus me livre dessa atitude melancólica! Quero uma virtude que não seja diabólica e acho que a simples frieza de uma recusa é suficiente quando o cavalheiro abusa.

ORGON - Enfim, sei de tudo e não caio em artimanha.

ELMIRA - Outra vez me surpreende essa fraqueza estranha. O que me responde sua incredulidade, se eu te fizer ver que estou dizendo a verdade?

ORGON - Eu ver?

ELMIRA - É.

ORGON - Bobagem!

ELMIRA - Não acreditaria se eu te fizesse ver em plena luz do dia?

ORGON - Tá sonhando!

ELMIRA - Que coisa! Me responda só, não precisa dizer que acredita em nós, mas vamos supor que se esconda num lugar de onde possa tudo ver e tudo escutar. Que diria do seu homem de bem então?

ORGON - Nesse caso, eu... Não diria nada. Não. É impossível.

ELMIRA - Inútil ficar insistindo. Não admito que pense que estou mentindo. Sem mais demora, é preciso te fazer testemunha do que eu acabo de dizer.

ORGON - Certo. Eu concordo. Vamos ver do que é capaz e como é que cumpre a promessa que me faz.

ELMIRA - *(para Dorina)* Chame Tartufo.

DORINA - Tartufo é muito esperto. Enganar esse homem não é assim tão certo.

ELMIRA - Não. Nós somos todos facilmente enganados justamente por nossos seres mais amados. E o amor-próprio quando é muito, muito extremo, nos leva a nos enganarmos a nós mesmos. *(Para Dorina)* Faça ele descer. *(Para Cleanto e Mariana)* Melhor saírem, eu acho.

Saem Dorina, Cleanto e Mariana.

ELMIRA - Vamos puxar a mesa. Se esconda aí embaixo.

ORGON - Como é?!

ELMIRA - Se esconda. É assim que a coisa começa.

ORGON - Por que debaixo da mesa?

ELMIRA - Ah, meu Deus! Depressa. Depois você vai ver, eu tenho um plano em mente. Entre, vamos, se esconda cuidadosamente e não deixe ninguém te ver e nem ouvir.

ORGON - Eu sou muito cordato, tem de admitir. Só quero ver como é que se sai dessa coisa.

ELMIRA - Não vai ter do que censurar a sua esposa. *(Para o marido que está debaixo da mesa)* Será um encontro estranho, deixe que eu te avise, mas você, de modo algum, se escandalize. Tudo que eu disser, tem de me ser permitido. É pra te convencer, conforme o prometido. Vou ter de usar com ele toda a simpatia para desmascarar a sua hipocrisia. Elogiar seu amor e seu desejo ardente e deixar campo livre a um avanço imprudente. Mas como, Orgon, é só para te convencer que eu estarei fingindo a tudo ceder, posso parar assim que estiver convencido. Só acontecerá aqui o que achar devido. Cabe a você deter sua paixão insensata quando achar que a coisa está muito avançada evitando assim expor a sua mulher além do que é preciso pra te convencer. O interesse é teu, você controla o jogo e... Ele vem vindo. Espero que isto acabe logo.

Entra Tartufo.

TARTUFO - Me disseram que a senhora quer me falar.

ELMIRA - É. Tenho segredos para lhe revelar. Mas vamos olhar em volta, antes de mais nada, pra não termos uma surpresa indesejada. Um sobressalto como o daquela hora, é do que menos nós precisamos agora. Foi tão grande o susto, que me enchi de pavor. Damis me deixou aflita pelo senhor, mas, como bem viu, me empenhei

com toda alma pra ele mudar de idéia e voltar à calma. Foi tão grande a aflição que ele me fez sentir, que nem me ocorreu a idéia de desmentir. Graças a Deus a coisa não acabou mal e tudo voltou ao seu ritmo normal. A estima de que goza afastou o perigo e Orgon não tem ciúmes do senhor comigo. Ao contrário: para enfrentar maus julgamentos quer que nos vejam juntos a todo momento. Só por isso, sem medo de ser difamada, posso encontrar com o senhor a portas fechadas. Só por isso, posso lhe abrir meu coração, talvez sedento demais por sua paixão.

TARTUFO - O que quer me dizer?... Eu não sei se entendo. Seu estilo mudou, pelo que estou vendo.

ELMIRA - Se se zangou com uma recusa qualquer é porque não conhece a alma da mulher! E não compreende bem o que ela pretende quando displicentemente se defende. Nosso pudor sempre luta, nesses momentos, contra quem nos provoca ternos sentimentos. Por mais que a gente ceda ao desejo de amar, uma certa vergonha nos faz recuar. A recusa inicial, para quem nos entende, revela também que a nossa alma se rende. Que se a boca diz "não", o coração diz "sim" e uma tal recusa promete tudo, enfim. Sem dúvida, revelo demais ao senhor, comprometendo um pouco o nosso pudor. Bom, agora que eu me abri, o que é que me diz? Acha que eu devia tentar reter Damis? Acha que eu ouviria com tanta atenção a oferta que me fez, de todo coração? Acha que eu conseguiria manter a classe, se a proposta que me fez não me agradasse? Por que acha que eu quis arrancar com tanta gana a sua recusa ao casamento com Mariana? Não sei se achou que eu agi de forma certa, mas foi pelo interesse que o senhor desperta e porque essa união arranjada por terceiros iria partir um coração que eu quero inteiro.

TARTUFO - Que bom ouvir a doçura que se derrama em palavras de uns lábios que a gente ama. É um mel que faz correr por todos meus sentidos um suave langor, nunca antes sentido. A sua alegria é o meu prazer maior e a beatitude da minha alma é o seu amor. Minha alma, porém, solicita a liberdade de duvidar um pouco da felicidade. Talvez o que me diz seja um mero argumento pra me obrigar a romper esse casamento. Como sou tão franco quanto o céu quis que fosse, digo que não me fio em proposta tão doce, se não me der já a prova dos seus favores. Favores

que tanto aspiro, que me encham de ardores; provas que me darão uma certeza, enfim, da generosidade que mostra por mim.

ELMIRA - (*tosse para advertir o marido*) Como? Se o senhor for assim tão depressa esgota a ternura que apenas começa. Foi difícil fazer esta declaração; mesmo assim não se satisfaz sua paixão? Não pode contentar as suas exigências, se não chegarmos às últimas conseqüências?

TARTUFO - Quanto menos se merece, menos se espera. É bem difícil crer em palavras. Pudera! Promessas gloriosas nos fazem suspeitar e queremos gozar, antes de acreditar. Eu, que creio não merecer sua cortesia, duvido do sucesso da minha ousadia; e só acreditaria em sua sinceridade se me convencesse com a realidade.

ELMIRA - Meu Deus! Seu amor é um verdadeiro tirano que põe minha alma num turbilhão desumano! Está me impondo total obediência, exigindo o que deseja com violência. Do seu assédio é impossível escapar, não me deixa tempo nem para respirar. Será que fica bem usar tanto rigor com o que se quer? E sem descanso impor essa vontade exigente, que não perdoa o fraco que alguém sente por sua pessoa?

TARTUFO - Se vê com bons olhos minha declaração, por que quer me recusar a consumação?

ELMIRA - Como posso eu consentir com o que quer? O céu, de que tanto fala, vai se ofender.

TARTUFO - Se é só o céu que se opõe ao seu afeto, esse obstáculo eu removo por completo e isso não deve impedir o seu amor.

ELMIRA - As ordens do céu não devem nos dar temor?

TARTUFO - Eu posso dissipar esse ridículo medo. Afastar escrúpulos pra mim não é segredo. O céu proíbe uma certa satisfação, mas sempre se encontra uma acomodação. Pra cada necessidade, existe uma ciência que ensina a aplacar a nossa consciência e a corrigir o mal da nossa ação com a pureza da nossa intenção. Nesses segredos saberei te instruir; basta apenas que se deixe conduzir. Satisfaça o meu desejo e esqueça o pecado; Eu respondo por tudo, eu serei culpado. Está tossindo muito.

ELMIRA - É. Isto é uma tortura.

TARTUFO - Aceita uma pastilha? É das mais puras.

ELMIRA - É uma condição um tanto complicada. Nenhuma pastilha adianta. Muito obrigada.

TARTUFO - Deve ser bem ruim.

ELMIRA - Nem pode imaginar.

TARTUFO - Bom. Seu escrúpulo é fácil de eliminar. Pode estar segura de um segredo completo, pois o mal reside só em ser indiscreto. O escândalo do mundo é que faz o pecado e a gente não peca quando peca calado.

ELMIRA - (*depois de tossir mais*) Enfim, vejo que vou ser forçada a ceder. Que devo consentir tudo o que pretender e que, agora, já não posso mais fingir que não estou contente. Quero prosseguir. Sem dúvida, é penoso chegar até o fim e é bem contra a vontade que concordo assim. Mas como teima em querer me submeter, porque não confia no que eu possa dizer; como exige prova ainda mais convincente, me vejo forçada a contentar o descrente. Se esse consentir traz em si qualquer ofensa, pior para quem me força a uma tal violência: a culpa, certamente, não cabe a mim.

TARTUFO - Eu me encarrego da culpa. A coisa em si, sim...

ELMIRA - Chegue até aquela porta e olhe, por favor, se o meu marido não está no corredor.

TARTUFO - Por que se aflige por ele dessa maneira? É um homem que se leva pela coleira. Dos nossos encontros vai se envaidecer. Por mim, é capaz de tudo ver, nada crer.

ELMIRA - Não importa. Por favor, saia um momento e vá olhar lá fora. Seja bem atento.

Sai Tartufo. Orgon sai de debaixo da mesa.

ORGON - Tenho de admitir: que homem abominável! Estou perplexo. É inacreditável!

ELMIRA - Como? Já quer sair? Ainda não é hora. Volte lá para baixo, que ele não demora. Espere até o fim, pra ter provas mais seguras e não mais se fiar em simples conjeturas.

ORGON - Nada pode ser pior que essa peste infernal!

ELMIRA - Não se deve aceitar nada superficial. Espere as provas concretas pra se render e não se apresse por medo do que vai ver.

Ela esconde Orgon atrás de si.

Tartufo entra.

TARTUFO - Tudo está a favor da minha satisfação: examinei todos os cantos do salão. Não tem ninguém. Meu coração, todo, inteiro...

ORGON - (*aparecendo*) Calma aí! Não pense que é assim tão ligeiro. Não devia se apaixonar tão depressa. Ah!, ah!, homem de bem! Quase que engulo essa! Se entrega à tentação de maneira acintosa: casava com a filha e cobiçava a esposa! Confesso que eu não queria acreditar e achava que as coisas podiam mudar. Mas a história já está mais do que comprovada. Para mim basta, não preciso de mais nada.

ELMIRA - (*para Tartufo*) Foi contra vontade que lhe tratei assim, mas essa atitude era esperada de mim.

TARTUFO - Como? Acredita...

ORGON - Nada de barulho agora e, sem despedidas, ponha-se porta afora.

TARTUFO - Eu queria...

ORGON - O senhor não é mais bem vindo. Pra fora da minha casa! Já! Vá saindo.

TARTUFO - **Você** tem de sair, **você**, que acha que é dono. A casa é minha e eu... vou lhe tirar o sono: vai ver que foi inútil o recurso vil de me implicar nessa farsa nada sutil; que não sabe onde está pisando ao me injuriar, pois tenho o instrumento para me vingar, pra cobrar a ofensa feita ao céu e exigir o arrependimento de quem me faz sair.

Sai Tartufo.

ELMIRA - O que é que ele quis dizer? Não entendi nada.

ORGON - Toda esta confusão não é nada engraçada.

ELMIRA - Como?

ORGON - Agora vejo o erro que eu fui fazer: essa doação inda vai me enlouquecer.

ELMIRA - Doação?

ORGON - É. Datada, assinada, completa. Mas é uma outra coisa que mais me inquieta.

ELMIRA - O que?

ORGON - Vou te contar. Antes, vamos subir, ver se uma certa caixinha inda está aqui.

Saem.

QUINTO ATO

CLEANTO - Onde vai com tanta pressa?

ORGON - Ai! Sei lá.

CLEANTO - Bom, nós temos de começar discutindo, Orgon, o que é que podemos fazer neste momento.

ORGON - Aquela caixinha é que é o meu tormento, por mais que o resto também seja um caso sério.

CLEANTO - Então essa caixinha é um grande mistério?

ORGON - É uma coisa que Argás, aquele meu amigo, pediu, em segredo, pra eu guardar comigo. Quando ele fugiu, resolveu me escolher. São papéis, pelo que ele pôde me dizer, dos quais dependem os seus bens e a sua vida.

CLEANTO - E por que teve de tomar essa medida?

ORGON - Tratava-se, acho, de um caso de consciência. Eu fui e contei a Tartufo, em confiança. E esse traidor conseguiu me persuadir a deixar com ele a caixa e, assim, permitir que, no caso de alguma investigação, eu já tivesse um subterfúgio à mão, podendo, então, negar com toda liberdade, sem estar, de fato, faltando à verdade.

CLEANTO - Pior para você. A julgar pela aparência, tanto a doação, quanto essa confiança, foram, se me permite falar francamente, atitudes que tomou bem levemente. Tendo em mãos esses papéis comprometedores, esse homem pode te causar dissabores. Expulsar ele da casa foi imprudente; devia ter procurado ser indulgente.

ORGON - Esconder com uma máscara fervorosa um coração falso e uma alma venenosa! Chegou aqui mendigo, não tinha um vintém... Basta! Eu desisto das pessoas de bem! Vou detestar todas o mais que eu for capaz, vou ser pra todas elas pior que satanás!

CLEANTO - Meu Deus! Taí: mais uma vez, você exagera! Será que em nada, nunca, você se modera? Que se afaste do bom senso, isso é o que eu mais temo, pulando assim de um extremo a outro extremo. Você admite seu erro e está convencido que se deixou levar por um zelo fingido. Acredito que não existe nada pior que corrigir um erro com outro maior, mas é o que faz, igualando esse zé-ninguém a gente que é, na verdade, gente de bem. Só porque esse bandalho ousou te enganar com um brilho pomposo e severo no olhar, você passa a achar que todo mundo é igual e que não há mais nenhum devoto real? Deixe pros libertinos essa conclusão. Trate de separar virtude e ilusão. Não dê a sua estima precipitadamente; o caminho do meio é sempre o mais prudente. Evite, se puder, honrar a falsidade, mas também não ofenda a fé de verdade. E se tem de chegar a algum extremo, Orgon, vê se, pelo menos, peca do lado bom.

Entra Damis.

DAMIS - Pai! O patife te ameaçou! É verdade? E usou como arma a sua própria bondade?

ORGON - É, filho, e nunca senti uma dor igual

DAMIS - Deixe, que eu corto as orelhas desse animal. A insolência dele merece um bom castigo e se ofendeu o senhor, deixe ele comigo: eu vou quebrar a cara desse insolente.

CLEANTO - É assim que fala um verdadeiro adolescente. Modere, por favor, seu jovem heroísmo. Hoje em dia, neste país, é cretinismo sequer pensar numa solução violenta.

Entram Madame Pernelle, Flipote, Mariana, Elmira e Dorina.

MME. PERNELLE - O que houve? Eu soube de uma coisa tremenda!

ORGON - Tremenda! Coisa que eu vi e ouvi em pessoa e que é o preço da minha alma ser boa. Recolho com carinho um homem miserável, trato como um irmão, dou casa confortável; todos os dias louvo a sua maravilha; ponho em seu nome os meus bens, dou-lhe a mão da filha. E tudo o que o pérfido, o infame, o monstro quer é tentar seduzir minha própria mulher. E não contente com isso, esse estropício ousa me ameaçar com meus próprios benefícios, usando, pra me arruinar, as comodidades que eu lhe dei com minha estúpida bondade; me expulsando dos bens que eu mesmo lhe doei, me reduzindo à miséria de onde o tirei.

DORINA - Coitado!

MME. PERNELLE - Eu não creio, nem por um segundo, que ele seja capaz de um ato tão imundo.

ORGON - Como?

MME. PERNELLE - Gente de bem sempre desperta inveja.

ORGON - Mãe, eu não estou entendendo o que deseja dizer.

MME. PERNELLE - Que aqui não se vive de forma certa e que não imagina a raiva que ele desperta.

ORGON - O que é que a raiva tem a ver? Eu não atino...

MME. PERNELLE - Eu sempre te dizia, quando era menino: o invejoso morre, a inveja, jamais. Na vida, a virtude acaba sempre perseguida.

ORGON - Mas o que tem isso a ver com o que aconteceu?

MME. PERNELLE - São mentiras, forjadas por esses ateus.

ORGON - Mas já disse que eu vi tudo, pessoalmente.

MME. PERNELLE - Só de malícia se alimenta o maldizente.

ORGON - Quer me deixar louco, mãe? Estou lhe dizendo que fui eu mesmo que vi esse crime horrendo.

MME. PERNELLE - As más línguas sempre destilam seu veneno, não há o que nos livre desse inferno terreno.

ORGON - Não quer entender. Vamos parar por aqui. Eu vi, já disse. Com meus próprios olhos. Vi. Sabe o que chama "vi"? Vou ter de repetir mil vezes, aos gritos, para a senhora ouvir?

MME. PERNELLE - As aparências enganam. Deve saber que não se pode julgar pelo que se vê.

ORGON - Que raiva!

MME. PERNELLE - Suspeitar sem base é imoral: é assim que se acaba tomando o bem por mal.

ORGON - Devo interpretar como atenção caridosa a intenção que tinha de me abraçar a esposa?

MME. PERNELLE - Para acusar, tem de ter uma prova justa. Você espere, até ter certeza absoluta.

ORGON - Arre! Que diabo, mãe! Esperar de que jeito? Se eu esperasse mais ele teria feito tudo com... Ah, não me faça dizer besteira.

MME. PERNELLE - O que vejo é que tem a alma verdadeira e não consigo meter na minha cabeça que ele tenha tentado uma coisa dessa.

ORGON - Olha... Se não fosse minha mãe, a senhora ia saber a raiva que estou sentindo agora.

DORINA - É assim, patrão, a justiça desta vida: do que antes duvidava, ela agora duvida.

CLEANTO - Estamos perdendo tempo em inconsistências, quando a gente devia tomar providências. Não esqueçam as ameaças do mentiroso.

DAMIS - Acha que ele seria tão audacioso?

ELMIRA - Eu não creio. Se ele cobrar a doação, vai estar revelando sua ingratidão.

CLEANTO - Não confie tanto. Se ele tem meios secretos vai tentar contra vocês um golpe concreto. Por muito menos se arma, com a lei, a cabala que a tanta gente num labirinto encurrala. E digo mais: com as armas que ele tem na mão, não deviam ter desafiado o santarrão.

ORGON - Verdade. Que fazer? Fiquei descontrolado com a arrogância do traidor descarado.

CLEANTO - O melhor que se poderia desejar é que vocês pudessem se reconciliar.

- ELMIRA - Se eu soubesse que ele tinha essas armas, jamais teria dado razão para alarma e meus...
- ORGON - (*para Dorina*) Quem é esse? Vá ver o que ele quer. Que bela hora escolheu para aparecer!
- LOYAL - Boa tarde. Por favor, ficaria encantado se chamasse o seu patrão.
- DORINA - Está ocupado e duvido que atenda qualquer um agora.
- LOYAL - Não quero ser importuno, minha senhora, O motivo desta visita é pertinente e acho até que ele poderá ficar contente.
- DORINA - Seu nome?
- LOYAL - Por favor, diga apenas que venho da parte de seu Tartufo e por seu empenho.
- DORINA - (*para Orgon*) O moço aí veio, cheio dos "por favor", da parte do Tartufo, falar com o senhor. Disse que vai ficar contente.
- CLEANTO - Vamos ver quem é esse sujeito e o que é que ele quer.
- ORGON - Vai ver que ele veio pra nos reconciliar. Como é que acha que eu devo me comportar?
- CLEANTO - De modo algum demonstre que está ressentido e, se falar direito, seja todo ouvidos.
- LOYAL - Salve! Possa o céu castigar quem lhe quer mal, são os votos deste seu criado leal!
- ORGON - É um bom começo e reforça a suposição de que veio fazer a reconciliação.
- LOYAL - Toda sua família sempre me foi querida e trabalhei pra seu pai, quando ainda em vida.
- ORGON - Me desculpe se não me lembro do senhor. Podia me dizer seu nome, por favor?
- LOYAL - Me chamo Loyal. Sou oficial de justiça, contra a minha vontade, porém sem preguiça. Há já quarenta anos, com muito prazer, exerço o meu cargo e cumpro o meu dever. E aqui estou, bastante agastado confesso, para lhe trazer a sentença do processo.
- ORGON - Como? O senhor...
- LOYAL - Por favor, sem exaltação: trata-se tão somente de uma intimação. O senhor e os seus, com móveis e objetos, devem deixar a casa ao herdeiro direto, na forma da lei, sem demora ou adiamento.

ORGON - Eu? Sair da minha...

LOYAL - Por favor, um momento. A casa é do senhor Tartufo. Que não reste dúvida. Assim reza a lei, isso é inconteste. Dos seus bens ele é agora dono e senhor, conforme contrato de que sou portador, lavrado em boa forma, datado e assinado.

DAMIS - Me admira a pouca vergonha do safado!

LOYAL - Por favor, com o senhor nada tenho a tratar. (*para Orgon*) Com calma e sensatez sabe se comportar e como homem de bem conhece as premissas da lei e não vai querer se opor à justiça.

ORGON - Mas...

LOYAL - Por favor, eu sei que nem por um milhão o senhor pensaria numa rebelião. E que vai acatar com toda honestidade a ordem que cumpro nesta oportunidade.

DAMIS - Seu Leal, essa sua casaca ensebada deve estar acostumada a levar porrada.

LOYAL - Faça o rapaz se calar ou se retirar, por favor. Lamentaria ter de citar seu nome nos autos do processo verbal.

DORINA - (*à parte*) Esse seu Loyal tem um ar bem desleal.

LOYAL - Como o senhor merece consideração dou prazo até amanhã para a execução. Terei de passar a noite sob este teto, com dez funcionários. Mas seremos discretos. Os procederes exigem, se não se importa, que antes de dormir, me entregue a chave da porta. Vou cuidar pra nada perturbar seu repouso e garanto que meu pessoal é silencioso. Mas de manhã, pra evitar maior empecilho, deve retirar até o menor utensílio. Meus homens vão ajudar. Escolhi os mais fortes para o senhor não ter problema no transporte. Eu creio que fiz o máximo em meu poder e que o senhor saberá como proceder, impedindo que aconteça qualquer embargo ao justo e leal exercício do meu cargo.

ORGON - (*baixo*) Juro que eu daria o meu último tostão pra arrebentar a cara desse capão.

CLEANTO - (*baixo, para Orgon*) Calma, não estrague...

DAMIS - Eu não estou agüentando mais essa história. Minha mão está formigando.

DORINA - Com umas costas assim tão largas, seu Leal, umas boas cacetadas não iam mal.

LOYAL - Posso punir essas palavras impensadas. As mulheres também podem ser autuadas.

CLEANTO - Vamos parar por aqui. Basta, meu senhor. Entregue o documento e saia, por favor.

LOYAL - Até mais ver. Possa o céu lhes dar alegria.

ORGON - Pois que arrebente você e quem te envia!

Sai Loyal.

ORGON - E então? Está vendo, mãe, como eu tinha razão? Imagina o resto, depois da intimação? Ele é um traidor. Agora está convencida?

MME. PERNELLE - Me fez cair das nuvens. Estou aturdida.

DORINA - Não sei porque se queixam, culpando o coitado. O que ele pregava agora está confirmado: isso é... "amor ao próximo", se não me engano. Sabendo que o ouro corrompe o ser humano, quis tirar de vocês, por puro amor cristão, tudo que possa impedir sua salvação.

ORGON - Cale a boca! E não me faça repetir.

CLEANTO - Vamos ver que caminho devemos seguir.

ELMIRA - Devia denunciar a audácia desse ingrato. Isso deve anular o valor do contrato. Se a gente revelar sua deslealdade, não vai conseguir nos fazer essa maldade.

Entra Valério.

VALÉRIO - Desculpe, seu Orgon, se venho lhe afligir, mas é um grande perigo que me traz aqui. Um amigo meu, que é pra mim mais do que irmão, e que sabe da grande consideração em que tenho o senhor, deu um passo arriscado e violou, por mim, um segredo de Estado. Pelo que me contou, seria conveniente o senhor fugir daqui imediatamente. Faz uma hora, esse patife enganador foi até nosso rei pra acusar o senhor. E lhe deu, acho que esse é o perigo mais crítico, a caixinha de um perseguido político que o senhor guardou em segredo em seu poder, em vez de denunciar, como era seu dever. Não sei em detalhes qual é a acusação, mas sei

que decretaram a sua prisão. E o próprio Tartufo resolveu se oferecer pra acompanhar o soldado que vem lhe prender.

CLEANTO - Então é com essa arma baixa e vil que vem o traidor tentar se apossar dos seus bens.

ORGON - O homem é uma fera, é perverso, é um animal!

VALÉRIO - A menor demora poderá ser fatal. Minha carruagem está pronta pra partir e lhe trouxe estes mil luíses pra prevenir. Não temos tempo a perder, já devem estar vindo e esse tipo de ameaça só se enfrenta fugindo. Acompanho o senhor até o fim e lhe juro que estará protegido em abrigo seguro.

ORGON - Ai! eu ficarei seu eterno devedor! Espero, um dia, retribuir esse favor. Deus permita que eu viva pra ter a ocasião de compensar sua generosa proteção. Adeus, tomem cuidado vocês...

CLEANTO - Vá depressa. Eu sei o que fazer numa situação dessas.

Tartufo entra com o Comissário.

TARTUFO - Calma, calma. Não corra tanto, meu amigo. Não vai ter de ir longe pra encontrar seu abrigo. Não. Em nome do rei, considere-se preso.

ORGON - Tua perfídia não me deixa mais surpreso! Traidor! Guardou esse golpe para o fim para coroar todo o mal que fez a mim.

TARTUFO - Tuas injúrias não conseguem me irritar. O céu me aconselha a tudo suportar.

CLEANTO - Incrível como o senhor é tão moderado!

DAMIS - Ele zomba do céu, o infame descarado!

TARTUFO - Tudo o que disserem não vai me comover; eu não quero senão cumprir o meu dever.

MARIANA - Acha que prender meu pai é uma coisa honrosa e que vão considerar sua ação gloriosa?

TARTUFO - Qualquer ação é sempre gloriosa pra mim, quando parte do poder que me enviou aqui.

ORGON - Como pode esquecer, ingrato abominável, que te estendi a mão quando estava miserável?

TARTUFO - A sua ajuda eu posso até reconhecer, mas servir ao meu rei é o meu maior dever. A justa violência desse dever sagrado me estufa o peito e me deixa desobrigado de gratidão. Por meu rei sacrifico, sim, amigos, mulher, parentes e até a mim.

ELMIRA - O impostor!

DORINA - O malevo se esconde e se ajeita debaixo das coisas que a gente mais respeita!

CLEANTO - Mas se é assim tão perfeita quanto o senhor diz a dignidade que é a sua força motriz, por que é que ela só se deu a conhecer quando foi pego seduzindo sua mulher? Por que é que o senhor só pensou em delatar, quando, por honra, Orgon resolveu lhe expulsar? Não digo que, por causa dessa doação, devesse calar o que acha ser traição, mas se acredita mesmo que Orgon é culpado como é que aceita agora ser beneficiado?

TARTUFO - Comissário, já chega de conversa fiada. Cumpra, por favor, a ordem que lhe foi dada.

COMISSÁRIO - É. É verdade. Estou demorando demais. Cumpro a ordem e atendo ao pedido que faz. Seu Tartufo, o senhor queira me acompanhar até a cela da prisão onde vai morar.

TARTUFO - Quem? Eu, comissário?

COMISSÁRIO - O senhor.

TARTUFO - Por que a prisão?

COMISSÁRIO - Não é ao senhor que eu devo explicação. (*para Orgon*) Sossegue, seu Orgon, que já passou o susto. O rei é, quando tudo está mal, franco, justo. O que esse daí fez, o que por si faria, chega a ofender a própria soberania. Uma farsa assim colorida não surpreende quem, no exercício do poder se defende de intrigas muito mais sutis e arriscadas. Foi fácil ver que não era pessoa honrada. Ao acusar o senhor, ele se traiu e, mesmo que o rei não fosse muito sutil, já era de todos nós um fato sabido que o senhor Tartufo não passa de um bandido, procurado com outros nomes, todos falsos. E os crimes que nos botaram no seu encalço são tantos e tão tremendos e colossais que nem sei se vão caber nos nossos anais. E

aos seus horrores soma agora a traição desta grande deslealdade e ingratidão. O rei mandou que eu me calasse, até o momento que ele mostrasse todo o seu descaramento, para só depois explicar tudo ao senhor. E os papéis de que ele se diz possuidor devem imediatamente ser devolvidos ao senhor e pelas mãos do próprio bandido. Por ordem real, perde toda a validade o contrato de doação de propriedade. E fica perdoado o seu crime contra o Estado de ocultar o paradeiro de um exilado, como prêmio pela bravura dos seus feitos de soldado, em defesa dos reais direitos.

DORINA - Deus seja louvado!

MME. PERNELLE - Já posso respirar.

ELMIRA - No fim, deu certo!

MARIANA - Quem podia imaginar?

ORGON - (*para Tartufo*) Então, traidor de...

CLEANTO - Ah! Pare, meu cunhado. Não se rebaixe brigando com esse coitado. Melhor deixar o miserável cabotino entregue ao remorso do seu triste destino. Você agora tem apenas um dever: se apresentar diante do rei e agradecer.

ORGON - É verdade. Mas depois, vamos festejar o retorno da harmonia em nosso lar, quando a minha Mariana aceitar como esposo o jovem Valério, sincero e generoso.

FIM

São Paulo, 17 de outubro de 1993